



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Serviço Social: Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional

Sub-eixo: Fundamentos do Serviço Social

AS NECESSIDADES HUMANAS EM AGNES HELLER E OS SEUS LIMITES

LIANA AMARO AUGUSTO DE CARVALHO ¹

RESUMO

O trabalho analisa as necessidades humanas em Agnes Heller e os seus limites. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou-se da perspectiva do método crítico dialético marxiano, e foi desenvolvida de forma teórica, através das técnicas de pesquisa bibliográfica, a partir da utilização de fontes primárias e secundárias. Sustenta-se a tese de que a Teoria das Necessidades na obra helleriana demonstra um processo de aproximação e afastamento de Marx e do marxismo, mediante a absorção de várias influências filosóficas de pensamento, resultando numa produção eclética sobre o tema, o que conforma uma teoria das necessidades própria.

PALAVRAS CHAVE: Agnes Heller. Necessidades Humanas. Karl Marx. Marxismo.

ABSTRACT

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Estadual Da Paraíba

The work analyzes human needs in Agnes Heller and its limits. The research, of a qualitative nature, used the perspective of the Marxian dialectical critical method, and was developed theoretically, through the techniques of bibliographic research, from the use of primary and secondary sources. The thesis is supported that the Theory of Needs in Heller's work demonstrates a process of approximation and departure from Marx and Marxism, through the absorption of various philosophical influences of thought, resulting in an eclectic production on the subject, which conforms to a theory of own needs.

KEYWORDS: Agnes Heller. Human Needs. Karl Marx. Marxism.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado analisa as necessidades humanas em Agnes Heller e os seus limites. Esta foi uma filósofa húngara, de origem judia, sobrevivente do Holocausto e dos *Gulags*, pertencente à chamada Escola de Budapeste² e que desenvolveu uma extensa obra – na qual as necessidades correspondem a um dos temas de preocupação filosófica – caracterizada por uma continuidade fragmentada, de ideias controvertidas, que articularam as percepções políticas e filosóficas do seu tempo, mas nunca abandonando a viga mestra do seu pensamento filosófico: a ética.

O objetivo do artigo é abordar a discussão que em Heller aparece como vinculada às necessidades humanas a partir de Karl Marx, demonstrando que a filósofa realizou um trânsito de aproximação e afastamento de Marx e do marxismo que não estão necessariamente ligados aos processos imigratórios realizados pela ela ao sair de Budapeste, isto é, do “ponto de choque” entre os povos europeus, no qual viveu longos anos imersa num contexto turbulento de intempéries e ameaças políticas (DURAVAR, 1970).

Por isso, as principais perguntas que nortearam a realização desse estudo podem ser sintetizadas da seguinte forma: Podemos, de fato, articular o seu debate filosófico sobre as necessidades humanas e radicais ao arcabouço teórico marxiano? Qual é, portanto, a sua contribuição sobre o debate das necessidades humanas em Marx?

2 Compreendemos por Escola de Budapeste um grupo de alunos e estudiosos que se reuniram em torno de Gyorgy Lukács, principalmente durante a década de 1960, na Hungria, com a finalidade de compreender os acontecimentos que perpassavam o mundo e a particularidade daquele país, fomentando o projeto de renovação do marxismo a partir da crítica ao chamado “socialismo real”. Sobre este debate, Coutinho & Konder (2016), pontuam que Agnes Heller, juntamente com Fehér, Markus e Vajda, foram os principais integrantes da referida escola, sendo estes os “discípulos” mais próximos de Lukács. Além disso, os autores enfatizam que o termo Escola de Budapeste foi cunhado pelo próprio filósofo pouco antes de falecer, referindo-se ao grupo de estudiosos com os quais partilhou amplos diálogos durante a sua última década de vida, reivindicando o fato de que a sua atividade como pensador não foi isolada. Ainda, referindo-se ao período em que esteve entre eles, Lukács alegou que a Escola de Budapeste se opunha ao historicismo subjetivista, dissolvendo as objetivações humanas em sua gênese social imediata, e às versões estruturalistas do marxismo, que colocam o epistemologismo no terreno ontológico-social.

Para responder às questões em tela, a pesquisa realizada vinculou-se a uma perspectiva interpretativa que tem por base o materialismo histórico, baseando-nos na compreensão da realidade como uma totalidade dialética, ou seja, a partir de um método de elucidação do real pelo qual o posicionamento adotado pelo pesquisador diante do objeto estudado é do entendimento de uma prioridade ontológica deste último sobre aquele.

Metodologicamente, utilizou-se a pesquisa de natureza qualitativa, de cunho teórico, realizada através de procedimentos metodológicos bibliográficos, pela utilização de fontes primárias e secundárias disponíveis em meios eletrônicos e exemplares físicos, mediante leituras, fichamentos e análise imanente.

Sustenta-se a tese de que o desenvolvimento da Teoria das Necessidades na obra helleriana, supostamente vinculada ao arcabouço teórico marxiano, resulta na verdade em uma produção que absorveu várias influências filosóficas de pensamento, sofrendo as influências dos principais eventos históricos do século XX e em particular do contexto vivenciado na formação social húngara, resultando numa produção eclética sobre o tema, o que conforma uma teoria das necessidades própria.

Nesse sentido, com a finalidade de permitir uma compreensão adequada dos principais resultados da pesquisa realizada, organizamos a discussão exposta nas páginas que seguem abordando inicialmente o debate filosófico em torno das necessidades humanas a partir das principais obras hellerianas que versam direta ou indiretamente sobre o tema, tecendo em seguida uma análise crítica acerca das ideias filosóficas desenvolvidas pela autora, evidenciando, por fim, os seus limites, apontando os principais resultados de pesquisa.

2 O DEBATE DAS NECESSIDADES HUMANAS NA FILOSOFIA HELLERIANA

O debate sobre as necessidades aparece pela primeira vez nas elaborações filosóficas de Agnes Heller de forma indireta, tratando o tema com o objetivo de subsidiar uma argumentação sobre a discussão em torno de teoria e práxis, num texto intitulado *Teoria, práxis e necessidades humanas*, publicado em 1961.

Mesmo com considerações apresentadas de maneira pontual, como uma análise reduzida, aligeirada e subjacente ao seu tema de interesse central, essas indicações pioneiras sobre as necessidades já continham potencialmente os elementos que mais tarde seriam desenvolvidos a partir de estudos mais aprofundados.

No entanto, se por um lado o interesse pela discussão acerca das necessidades demonstra que o referido tema já aparecia nessa época como uma preocupação filosófica, o que levaria a discussão a ser integrante do seu primeiro projeto filosófico³ desenvolvido a *posteriori*, por outro, indica também que a discussão sobre as necessidades já aparece como uma digressão teórica de fundamental importância para a compreensão das suas ideias centrais, relacionadas à ética.

Isto porque as necessidades humanas passaram a funcionar como as lentes pelas quais Heller fazia a leitura do edifício teórico marxiano, correspondendo não apenas à chave

3O primeiro projeto filosófico de Agnes Heller, o da sua antropologia social, expressava o seu contributo individual à tarefa coletiva da Escola de Budapeste, vinculada aos intentos lukácsianos de renovação do marxismo, sendo perpassado por uma concepção particular da filósofa de que em termos éticos Marx e Kant estavam interligados pelo elo do estoico epicurismo. *Sobre os Instintos*, publicado originalmente em 1979, demarca a emergência de tal projeto, a partir do contato com a interpretação filosófica freudiana, abordando o instinto humano como resultado das suas experiências sociais. Como a própria autora indica na introdução do referido livro: “O ensaio que se segue é o primeiro de uma série que tenciono escrever acerca daquilo que, à falta de uma expressão melhor, pode ser descrito como “antropologia social”. [...] A expressão indica onde pretendo colocar acento na minha investigação da “essência” do homem e que, nesta análise, não é o processo do homem se tornar humano, que é primordial [...] nem a estrutura biológica do homem contemporâneo [...], mas antes as potencialidades contidas na espécie humana. [...] Os temas dos seis ensaios são: 1) os instintos; 2) a teoria das sensações; 3) a teoria das necessidades; 4) a teoria da moral; 5) a teoria da personalidade; e 6) a teoria da história” (HELLER, 1979, p. 7 – 8, 11). Considerando a apresentação do referido projeto, Heller explica que na sua publicação original em húngaro *Sobre os Instintos* e *Teoria dos Sentimentos* conformavam um volume único, mas foram publicados separadamente em outras línguas. Contudo, mais tarde, considerando a relação estremecida de Heller com Marx desde 1956, por ocasião da Revolução Húngara, ela busca encontrar saídas para as contradições marxianas em relação a subjetividade humana a partir de uma filosofia natural dos indivíduos, demonstrar os limites da filosofia marxiana e apontar as suas possíveis saídas a partir da leitura dos *Manuscritos Econômico Filosóficos*. Ao defrontar-se com o abandono de uma concepção de uma filosofia da história marxiana, em direção à *Teoria da História* (publicado como o primeiro volume do seu segundo projeto filosófico, o da Modernidade), Heller passa a ver o seu projeto como inexequível, uma vez que, para ela, as contradições do marxismo começavam a se tornar insolúveis.

elucidativa do modo de produção capitalista, mas também como o caminho revolucionário pelo qual seria possível transpor esse modo de vida, a partir da identificação e satisfação das chamadas necessidades radicais. Numa palavra: as necessidades humanas passaram a ser o novo paradigma interpretativo da teoria marxiana para Heller. Mais tarde o teor inovador das suas elaborações lhe renderia o lugar de uma estrela no céu da nova esquerda pelo (HELLER, 2011).

Se em 1961 ela se atém às necessidades como uma mediação necessária à sua argumentação, apenas pontuando alguns elementos fulcrais sobre o debate, em 1974, por ocasião da publicação de *Teoria das Necessidades em Marx*, a sua maior e mais conhecida publicação sobre o tema, além de desenvolver as suas ideias com mais profundidade teórica, ampliando a fundamentação acerca da obra marxiana, a autora passou a se empenhar na reelaboração daqueles elementos anteriores, tomando posicionamentos que provocaram um adensamento do debate à época.

Em 1974 Heller desenvolve a sua filosofia em torno das necessidades sob a forma de um inventário de ideias, a partir de uma análise minuciosa e pontual das obras marxianas, atendo-se a trechos das obras ou ainda expressões contidas nelas que, para uma análise do pensamento filosófico de Marx, se colocam como absolutamente insuficientes para subsidiar determinadas alegações que pretendem dar conta das tendências do seu pensamento.

Além disso, diante de todos os equívocos políticos e reboliços que tinham acontecido na zona de influência húngara e ainda estavam se desdobrando à época, bem como aqueles que se desdobravam fora dela, é absolutamente insuficiente se ater a pequenos trechos ou ainda termos utilizados pelo autor marxiano para captar a riqueza e a amplitude do seu pensamento. Em poucas palavras: proceder a uma análise pontual, embora minuciosa, e que captou apenas trechos ou palavras dos escritos de Marx, ao invés das suas maiores tendências de pensamento, nos parece no mínimo arriscado para alegar a existência de uma teoria das necessidades em Marx.

Contudo, se parece incontestado que entre a primeira e a segunda produção referidas Heller dá um salto argumentativo quantiquantitativo sobre as necessidades humanas, parece também inegável que o movimento de despedida de Marx e do marxismo já vinham se desenhando, como evidencia o debate da *Teoria das Necessidades em Marx*.

Mesmo executando um papel fulcral naquela que seria a renovação do marxismo⁴ à época, com o objetivo de fundamentar o debate das necessidades como o seu novo paradigma interpretativo da obra marxiana, Heller passa a rejeitar do edifício teórico de Marx dois aspectos fulcrais relacionados ao materialismo histórico: o desenvolvimento das forças produtivas como condição para a superação do capitalismo e a classe trabalhadora como sujeito revolucionário.

Em suma, para ela, o desenvolvimento das forças produtivas⁵ não compreende a força motivadora desta estrutura social em direção ao socialismo, de modo que, em seu lugar, as necessidades radicais assumem a capacidade de transformar material dessa sociedade a partir da consciência da alienação.

Como a própria autora alega,

O que me opõe a Marx é que eu não vejo a força motriz do desenvolvimento das forças produtivas. É certo, sem dúvida, que as forças produtivas transformam a estrutura social (caso de que se desenvolvam), mas não necessariamente na direção do socialismo. O enunciado pronto de que o desenvolvimento das forças produtivas mutará em revolução social não chegará nunca (HELLER, 1982a, p. 138)

4 O intento de renovação do marxismo surge para a Escola de Budapeste a partir de Gyorgy Lukács. Essa ideia correspondia a um antigo objetivo do filósofo, remetendo à sua fase protomarxista, quando passou a se inserir nas atividades políticas na Hungria sem sucesso, e empenhou-se numa resposta teórica ao momento vivenciado, perpassado período entre guerras, com o predomínio nazista sucedido pela dominação stalinista no leste europeu, e das várias idas e vindas do filósofo húngaro para sobreviver a estas intempéries históricas desfavoráveis ao seu posicionamento político e ideológico. Apesar da existência desse intento já em *História e Consciência de Classe*, tal objetivo só se concretizou de maneira explícita através da *Estética* e da *Ontologia do Ser Social*, quando Lukács se encontrava em condições propícias para o desenvolvimento do projeto de renovação do marxismo, acompanhado por esforços individuais e coletivos da Escola de Budapeste em torno do mesmo fim. A importância desse projeto residia na possibilidade de ressignificar o marxismo do “socialismo real” a partir do próprio Marx, atentando para as transformações históricas vivenciadas pelo capitalismo até aquele momento. Entre os principais autores que dialogam sobre o tema, aparece o indicativo de que os seus principais componentes foram, de fato, Agnes Heller, Ferenc Fehér, Gyorgy Markus, e Mihály Vajda.

5 Importa sublinhar que o desenvolvimento das forças produtivas para a primeira Heller não reside em aspectos materiais, mas versa sobre o desenvolvimento de aspectos valorativos que possam canalizar para a construção da história. Isto porque para Heller a finalidade objetiva da história, a edificação da sua verdadeira substância, está na construção de valores que possam dar-lhe sentido. Nota-se, portanto, que Heller tenta ressignificar o entendimento de forças produtivas na obra marxiana a partir de uma perspectiva ética, dando consecução ao seu objetivo original, de criar uma saída moral para o marxismo.

Outrossim, sobre a questão do sujeito revolucionário, sendo amplamente influenciada pelos levantes húngaros de 1956 e pelo *Maio Francês* de 1968, em outra ocasião a autora fez uma síntese do seu pensamento deixando evidente que discorda que o proletariado, como uma classe que emerge historicamente contrapondo-se politicamente à burguesia em 1848, possa assumir tal tarefa. Heller não nega a importância do proletariado, mas também não entende que ele seja um agente na transformação do modo de produção capitalista.

Em *Para Mudar a Vida* e em *A revolução da vida cotidiana*, entrevistas publicadas no ano de 1982, quando Heller ainda estava concluindo o processo de afastamento de Marx e do marxismo, ela esclarece tais posicionamentos. Sobre o sujeito revolucionário desenvolve um raciocínio que, apesar de não enxergar toda a classe trabalhadora como tal, não nega que entre os trabalhadores possam existir aqueles que portam as necessidades radicais, ou seja, aquelas necessidades que surgidas no capitalismo, podem canalizar para a construção de outro modo de vida.

Não questiono o fato de que a classe operária possui um papel histórico extremamente significativo, ao contrário, creio que isso é verdade não apenas onde a classe operária foi levada à ação impelida por uma ideologia marxista, mas também [...] onde tiveram um papel fundamental [...]. Minhas dúvidas referem-se apenas à teoria de que uma só classe possa assumir o poder e ser a única representante da transformação. [...] Uma teoria revolucionária fala a todos os que têm carecimentos radicais e, portanto, não pode referir-se apenas a uma classe determinada. [...] Portanto, não é possível identificar o sujeito revolucionário com uma só classe, com um só estrato (HELLER, 1982b, p. 17).

Existe, portanto, em seu entendimento, uma falha teórica por parte de Marx em identificar como sujeito da revolução uma só classe. Por isso, ao colocar as necessidades como o cerne interpretativo e revolucionário do capitalismo, Heller retira a identidade da classe trabalhadora como sujeito responsável pela revolução, conforme indicações marxianas.

Indiscutivelmente, o movimento de apropriação de Agnes Heller do marxismo helleriano partiu não só dos seus diálogos com a Escola de Budapeste como também do contato com os círculos intelectuais europeus da nova esquerda. Contudo, dialogando com as referências da Segunda Internacional, amplamente caracterizadas por um revisionismo

ético (NETTO, 1981), Heller segue procurando interlocuções teóricas para fundamentar a sua própria filosofia interpretativa da obra marxiana, encontrando nas necessidades uma saída interpretativa para as suas inquietações filosóficas, demonstrando que o seu marxismo estava em agonia.

Essas alegações nos permitem inferir que no momento da elaboração da redação de *Teoria das Necessidades em Marx*, as necessidades humanas emergem no construto filosófico helleriano como um novo paradigma interpretativo da obra de marxiana numa tentativa agoniada de encontrar saídas para os seus imbróglis e discordâncias com o próprio Marx, aderindo a uma perspectiva revisionista do marxismo típico da segunda internacional, herdando, portanto, em sua obra, os equívocos filosóficos e políticos dele.

Certamente, estes elementos corroboraram para que, como consequência daquelas inquietações que encontram fundamentalmente na negação do materialismo histórico sua fundamentação, a autora passasse a se portar com dubiedade sobre uma sociedade futura e posteriormente abandonasse, inclusive, o arcabouço teórico de Marx enquanto filosofia da história.

Nesse sentido, compreendemos que a referida obra helleriana sobre as necessidades foi expressão dos imbróglis e discordâncias que Heller nutria com Marx, pois a sua redação já se expressava como indicativa de um trânsito de afastamento da perspectiva filosófica e teórico metodológica de Marx.

Heller termina o livro enfatizando o horizonte idealizado por Marx como a mais bela aspiração da humanidade. Mas, como vimos, não tinha acordo com ele sobre vários dos aspectos levantados, de modo que pensamos ser a *Teoria das Necessidades em Marx* uma construção de Heller acerca do “seu Marx”, como dissemos antes, aquele que ela adequou às suas necessidades filosóficas para enfrentar os desafios postos à época, principalmente enquanto esteve fortemente ligada aos acontecimentos da particularidade húngara.

Depois da sua saída da Hungria, nos anos finais da década de 1970, as necessidades humanas assumiram uma forma notadamente interventiva. Isto porque Heller passa a expressar-se de maneira aberta, pois já não tinha o receio de ser perseguida politicamente e nem precisava da autorização do partido húngaro para publicar suas obras. Como uma característica das suas publicações nesse novo momento a autora passou a

desenvolver as suas reflexões e leva-las à público sob a forma de comunicações mais curtas, como pequenos adensamentos sobre o debate das necessidades.

Mesmo tendo silenciado as necessidades por um bom tempo, voltando a publicar sobre o tema apenas em meados da década de 1980, restava agora garantir a coerência respondendo às críticas e contribuições em torno debate suscitado na década anterior, uma vez que Heller começava a introduzir, explicitamente, algumas modificações no seu pensamento filosófico anterior conforme aparecia em suas publicações.

Por isso, o debate sobre as necessidades também começa a sofrer mudanças explícitas, condizentes com as suas novas posturas teórico metodológicas, e foi possível observar, de maneira geral, a retirada da análise do âmbito coletivo e objetivo para o individual e subjetivo, com um deslocamento das preocupações filosóficas para o âmbito da satisfação, o que justifica o caráter político atribuído ao tema nessas intervenções (HELLER, 2011).

Se em 1974 as necessidades radicais apareciam como consciência da alienação e condição para a sua satisfação a criação de outra sociedade, posteriormente, no início da década de 1980, depois de ausentar-se da Hungria, Heller passa a estruturá-las teoricamente a partir de uma equiparação com às necessidades comuns, aquelas consideradas não radicais, procedendo a uma homogeneização de ambos os conceitos. Desse modo as necessidades radicais, como um debate tão caro às suas construções filosóficas dos anos anteriores, aparecem simplesmente diluídas em necessidades comuns.

Já na década de 1990, dando continuidade às suas variações de pensamento, Heller passa a compreender as necessidades radicais como sinónimas de uma reforma moral e ética da sociedade. Em seu novo entendimento, todo homem e mulher modernos, num movimento de dentro pra fora, ou seja, intimamente, de acordo com a sua percepção subjetiva, pode satisfazer as suas necessidades de autodeterminação, entendendo a contingência em que vive como o seu destino, conformando-se, portanto, com ele a partir de uma opção por uma vida decente. De tal modo, ser revolucionário no mundo moderno quantificado é conseguir satisfazer as necessidades qualitativas.

Outrossim, sobre a questão do sujeito revolucionário, se em 1974 Heller refere aos proletários, e em outros momentos à classe trabalhadora, depois passa a referir-se apenas

às massas e não necessariamente à classe, para depois identificar na sociedade civil organizada a capacidade de reivindicação da satisfação destas. Por fim a filósofa faz menção à somente alguns indivíduos capazes de perceber as necessidades radicais através de uma elevação moral, ou seja, nem todos os indivíduos da sociedade civil. Outrossim, nessa esteira, o Estado aparece, portanto, como instância de satisfação das necessidades através do reconhecimento dos direitos das pessoas na vida em sociedade.

3 OS LIMITES DA TEORIA DAS NECESSIDADES EM AGNES HELLER

Pela argumentação desenvolvida em torno dos principais desenvolvimentos filosóficos de Agnes Heller no tocante às necessidades humanas, no intervalo entre os anos de 1961 e 1993, quando das principais publicações hellerianas sobre o tema, visualiza-se um processo dialético de absorção das contradições que perpassaram o seu tempo histórico e que, como é evidente, causaram inflexões importantes sobre o seu pensamento.

Como vimos, as suas principais contribuições sobre o tema das necessidades deixam candente a sua indisposição teórico metodológica e filosófica com Marx, mais tarde evidenciada pela sua desvinculação com o marxismo, vide as mudanças expressivas de pensamento demonstradas pela filósofa ao longo da vida.

Por isso, é possível afirmar que a contribuição helleriana acerca das necessidades na filosofia helleriana reflete os impactos frontais sofridos à época, advindas do contexto sócio histórico vivenciado e também das intempéries políticas, que certamente exerceram grande influência sobre o seu entendimento acerca do arcabouço teórico marxiano e também do marxismo.

Outrossim, parece evidente também uma apropriação não dialética do arcabouço

teórico marxiano, que mesclado com outras influências filosóficas que já eram perceptíveis antes mesmo de se ausentar da Hungria conferiram um teor eclético aos seus desenvolvimentos filosóficos.

Esse caráter eclético nos permite identificar uma teoria das necessidades ao gosto de Heller e não a partir do próprio Marx. Dito de outro modo, a teoria das necessidades elaborada por Heller, mesmo em 1974, quando da sua principal publicação sobre o tema, não pode ser compreendida como uma análise do tema de acordo com as elaborações marxianas, pois aquela obra já demonstrava tacitamente o afastamento desta perspectiva.

4 CONCLUSÃO

Conclusivamente, podemos alegar que a teoria das necessidades em Heller, funcionou como um subterfúgio temático do qual a filósofa se utilizou para que, mesmo utilizando as palavras de Marx, deixasse evidente o seu antimarxismo.

Por isso, *Teoria das Necessidades em Marx*, de 1974, é uma obra marxista ao gosto daquele revisionismo ético da Segunda Internacional, mas com uma desvinculação evidente das fontes marxianas, e uma adesão explícita de outras influências que lhe fizeram cair no ecletismo, criando assim a sua própria teoria das necessidades.

Nesse sentido, é possível alegar que o debate sobre as necessidades radicais desenvolvido em 1974 corresponde à maior evidência de que a saída de Heller da Hungria é insuficiente para lidar com as suas transformações de pensamento, pois aquela parecia ser uma releitura que funcionou como uma tentativa desesperada de encontrar saídas revolucionárias a partir da teoria social crítica marxiana, a fim de ressignificá-la a partir de um novo paradigma interpretativo, acrescentando a ele uma ética humanista advinda da

fórmula kantiana, mas rejeitando o materialismo histórico.

Portanto, mesmo que Heller não tenha escrito o livro da sua própria teoria das necessidades, como estava planejado no seu primeiro projeto filosófico, compreendemos em última instância que Heller desenvolveu a sua própria teoria das necessidades a partir de uma noção moralizante da alienação das necessidades humanas, associada ao ecletismo como uma manifestação das contradições de pensamento que perpassaram o seu relacionamento não dialético com as obras de Marx.

Pela exposição da sua trajetória filosófica sobre as necessidades humanas reivindicamos que o desenvolvimento da Teoria das Necessidades na obra helleriana demonstra processos de aproximação e afastamento de Marx e do marxismo, resultando em uma produção que absorveu várias influências de pensamento, bem como a reflexão sobre os principais eventos históricos do século XX e em particular do contexto vivenciado na formação social húngara, resultando numa produção eclética sobre o tema.

Portanto, não existe em sua obra uma teoria das necessidades em Marx, mas uma teoria das necessidades própria, a helleriana, que transitou em última instância para o antimaterialismo.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Carlos Nelson & KONDER, Leandro. Introdução. In: HELLER, Agnes. O cotidiano e a História. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 11ª Edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra, 2016.

DURAVAR, Yves de. O destino dramático da Hungria: Trianon ou a Hungria isolada. São

Paulo: Loyola, 1970.

HELLER, Agnes. Sociología de la vida cotidiana. Barcelona: Provença, 1977. Disponível em: <http://www.forocomunista.com/t38267-sociologia-de-la-vida-cotidianaagnes-heller-ano-1967-formato-pdf>. Acesso em 2015.

_____. Teoría de los sentimientos. Barcelona: Fontarama, 1980.

_____. La revolución de la vida cotidiana. Barcelona: Ediciones Península, 1982a

_____. Para mudar a vida: felicidade, liberdade e democracia. Entrevista a Ferdinando Adornato. São Paulo: Brasiliense, 1982b.

_____. Sobre os instintos. Trad. Ana Falcão e Luis Leitão. Lisboa: Presença, 1983.

_____. La teoría de la historia. 2ª Edição. Barcelona: Fontarama, 1985.

_____. Power of shame. London, Boston, Melbourne and Henley: Routledge & Kegan Paul, 1985a. _____ . Teoría de las necesidades en Marx. Barcelona: Ediciones Península, 1986.

_____. Una revisión de la teoría de las necesidades. Barcelona: Paidós/ICE-UAB, 1996. Disponível em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Heller,%20Agnes/Heller,%20Agn es%20-%20Una%20revisión%20de%20la%20teoría%20de%20las%20necesidades.pdf>. Acesso em 2016. _____ . A short history of my philosophy. 2011.

_____. O cotidiano e a história. 11ª Edição. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2016.

NETTO, José Paulo. Gyorgy Lukács: sociologia. Tradução de José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ática, 1981.